

A necessidade de mais “Paideias”

Agatha Alexandre de Souza Ramos

RESUMO

Meu trabalho de conclusão de curso foca em discutir a falta de ações teatrais, o que causa essa falta, refletir sobre como o ensino das artes é tratado nos diversos meios que é lecionado, e abordar os meios que poderiam ser trabalhados para expandir e dar mais condições para essa área ter seu devido valor na arte do ensino como um todo

Palavras Chaves: Teatro; Instituições; Ensino; Entidades; Verba; Investimento

É difícil ver um bom uso de artes nas escolas no geral, geralmente é reduzido a algumas aulas de desenho e em várias grades nem mesmo existe, o que é um problema fundamental da questão de ensino em diversos lugares considerando a importância da arte na formação de todas as pessoas, seja qual área for, e mesmo se tratando dessa matéria fora do ensino regular ela ainda é desvalorizada, reduzida a alguns cursos pagos ou poucas situações onde consegue ser usada em uma potência mais ampla, certas palestras, workshops, como cursos livres de teatro e vivências como as da Paideia, que quero usar aqui com modelo de como ampliar o ensino das artes além do ensino regular, não como uma solução para a questão do problema em si, mas como um adendo para ajudar com esses problemas

Essas aulas em questão se tratam de aulas grátis de fácil acesso para qualquer pessoa que tenha interesse, não requer qualquer tipo de experiência e são focadas no coletivo, são experiências essenciais para qualquer um, independentemente da idade, pois trabalham diversas questões e abordagens importantes para a nossa vida, e usa do teatro como uma ferramenta para trabalhar esses pontos

Se tratando desse modelo de aulas, as que tive mais experiência por tempo foram as do curso livre do SESI. Esse em específico era situado na Vila das Mercês, ficou na ativa por 17 anos sobre a direção do Leandro Cotrim, tinha vários módulos e horários na semana separados por idades, tendo de crianças

até adultos, e tinha como objetivo não obrigatório, sempre que possível fazer apresentações dos processos feitos no fim do ano (e sempre era possível).

As aulas cumpriam com esses temas e abordagens que citei, porém tendo apenas uma aula por semana com duração média de duas horas e meia, o que era suficiente para a metodologia da aula e os objetivos e atividades que o professor queria passar, mas é algo que poderia ser muito bem expandido tanto nesses pontos como outros como o espaço, que era um teatro e um acervo pequeno (o que já é muito) e a equipe que era formada só por um professor para todas as salas desde o infantil até o adulto. Essa quantia de recursos é boa, mas limita bastante o potencial das aulas em se expandir e ir além disso, não como matéria ou aprendizado, mas como algo mais que “uma aula semanal de teatro” que é feita no SESI. Aliás, era feita, pois essas aulas foram canceladas, o teatro demolido e os itens do acervo mandados direto para o lixo, e esse foi o melhor fim que esse curso que existia há mais de 10 anos conseguiu ter, mesmo que em todos eles, absolutamente todos os módulos lotassem de alunos e até excedessem as vagas permitidas.

E então, tem a Paideia, situada atualmente no Jardim Santo Amaro, oferecendo vivências pra crianças, adolescentes e adultos, que foca em fazer da aprendizagem toda um processo, com diversas mostras entre os grupos e apresentações semanais no próprio local e em festivais e eventos nacionais. Considero essa abordagem um passo à frente dessas aulas que citei antes. Ela foca no grupo de jovens de diversas idades, oferece um espaço maior para uso de aulas e vivências e engloba um caráter social maior em suas atividades. Como por exemplo uma cozinha comunitária onde os grupos organizam coletivamente o almoço para as pessoas da Paideia, incentiva a comunicação e aprendizado entre os jovens, que tem que se programar para ver o que cozinhar, comprar os ingredientes e fazer o preparo do almoço coletivamente na cozinha por si sós, um exercício incrível de aprendizado.

Agora preciso ressaltar agora sobre essa cozinha, ela foi construída com uma verba vinda da Alemanha em uma parceria que a Paideia tem, mesmo tentando obter essa verba antes por meios de incentivos aqui no Brasil, não foi possível, além disso o local atual que a Paideia reside também foi reformulado com

dinheiro vindo de doações de amigos e pessoas com interesse, e não do governo, que doou apenas a propriedade. Muito do que constitui a Paideia foi feito à base de doações sem fins lucrativos, o governo banca contas de luz e água por exemplo, mas eu não acho que seja o suficiente para algo do tamanho da Paideia, que tem o potencial de ser algo ainda maior, pensando nisso, é importante ressaltar que a maior diferença entre as aulas do SESI e a Paideia é o fato da Paideia ser baseada na Lei do Fermento, que garante uma verba pública para a realização do seu projeto, o que ainda não é o suficiente para a total concretização dos desejos dos realizadores como foi citado nas questões acima.

Por que não existem mais Paideias?

Podemos começar essa discussão com a desvalorização geral das aulas de “Artes” no nosso método básico de ensino, as escolas englobam todos os tipos diversificados e diferentes de artes em uma só, e acabam ensinando quase nada de tudo e focando geralmente apenas em desenhos enquanto ignora todos os outros métodos de ensino e uso efetivo das artes e nem mesmo fazendo um bom uso das que são realmente lecionadas, além de ser uma matéria com grade bem menor em relação as outras quase tem uma grade sequer, então essas questões já começam enraizadas desde o princípio. Desde as danças de festa junina que os alunos fazem para ganhar meio ponto a mais na média até o teatrinho das crianças/adolescentes, o uso de artes nas escolas só não é levado a sério além de um entretenimento leve e não algo com mais capacidade que isso, o que acaba deixando muito das capacidades dessas aulas para instituições e grupos exteriores à escola para fazer uso dessas matérias, como os citados anteriormente cursos de teatro livre, vivências e etc. A questão é essa necessidade de experiências exteriores as da escola (que é o ambiente ideal para o ensino dessas matérias por questões de acessibilidade e uso prático), enquanto as outras matérias tem uma base mais sólida e aproveitada desde o início da escola até seu fim, com ainda mais escolhas de oportunidades de se aprofundar em muitas das matérias, como cursos integrados, complementares e etc, assim como ETECs.

A soma desses problemas resulta na pobreza da arte na área de ensino e na limitação desse ensino de maneira efetiva para o grande público, uma das soluções seria a reformulação gradual de como esse ensino é tratado, com um melhor investimento, uso de verbas, percepção alheia e etc, e mesmo essa sendo de forma geral provavelmente a melhor opção para esses problemas, o tempo e condições para essas reformulações são muito altos e levariam muitos anos para ter resultados, uma solução mais rápida dizendo de maneira simples, seria a criação de mais Paideias

É importante citar primeiramente que existem mais Paideias, por todo o Brasil várias entidades, grupos ou apenas uma pessoa só, fazem trabalhos que caminham nessa direção, um termo para isso seria a “Ação Cultural”. Cada um desses diversos projetos atuando da sua maneira e formato com seus objetivos e especificações de como trabalhar essa ação com o uso do teatro e que benefícios esses trabalhos podem trazer, como já foi citado os diversos pontos positivos que isso traz para as pessoas que pretendem ou não se relacionar com o teatro de maneira mais profunda, e principalmente os que pretendem pois gera ainda mais poder para que novas criações assim sejam feitas e é algo importante para a estrutura da política pública do teatro, gerando mais força para pautas que beneficiam este, com a formação de pessoas nesse meio que vão gerar mais potência de base para projetos assim, seja apenas apoiando, participando ou sendo parte fundamental da criação.

O fazer da Ação Cultural

Depois de tanto discutir sobre os benefícios das questões teatrais, a existência de grupos e a necessidade de mais deles, chegou a hora de citar parte da problemática da falta dessas ações, e para isso vamos refletir um pouco sobre as ferramentas que temos para a inicialização de um projeto assim e o que é preciso para ter início em um trabalho desses

Fazendo uma breve lembrança ao começo do artigo, onde apontei a questão das aulas de “Artes” e como esse tipo de ensino é desfavorecido em todos os ambientes, a situação da Paideia que precisou de verba de amigos pra se

estabelecer e etc, podemos começar com a questão da verba pública, leis e parcerias que existem para ajudar esse tipo de movimento e que são a base para inícios desses projetos

A Lei 13019 é um dos principais fatores que viabiliza algumas ações culturais, como a Paideia, é ela que faz uso do “Termo do Fomento”, que faz uso de instrumentos jurídicos para firmar as parcerias entre o setor público e entidades privadas sem fins lucrativos, dando a oportunidade para essas entidades de apresentar seus projetos e propostas, que se aceitos vão estar elegíveis para uma chamada que terá um número limitado de entidades selecionadas para ai então firmarem o acordo com o setor público e fazer uso de uma verba para a base do seu projeto dentro das condições e regras da lei

A proposta dessa lei como citada, é **caso** o poder público tenha interesse e disponibilidade, ele irá então encorajar, incentivar e aquecer, ou seja, fomentar as atividades proposta pelas entidades privadas sem fins lucrativos a idealizar seus projetos, o que nos faz voltar as instituições públicas como escolas que em tese tem o mesmo papel, mas como já foi discutido sabemos que mesmo com essa obrigatoriedade, no final não é esse o resultado

Um detalhe importante é a citação que o termo de fomento tem “foco” em projetos cujos objetivos não estejam claramente definidos nos projetos de governo, então se uma ação cultural como a Paideia já fosse parte de um projeto de instituições públicas, projetos similares não teriam tanta viabilidade nos termos da lei do fomento, assim como uma ação similar à Paideia ou uma extensão da mesma sob essa lei provavelmente não teria o mesmo tipo de apoio que já foi dado, o que pra uma questão de diversidade de projetos é algo interessante, mas considerando a necessidade de mais ações desse tipo, poderia ser um problema, sem mencionar a questão de que só serão chamados projetos que a instituição pública tenha interesse, o que pode gerar mais uma dezena de questões sobre quem “mereça” ou seja o “candidato ideal” para receber essa verba.

Para finalizar a questão da seleção de projetos e a verba disponibilizada, vou mencionar mais uma vez a questão da reforma e a cozinha da Paideia, ambas foram possíveis com a ajuda de verba de amigos, familiares e parcerias

exteriores as do setor público, e considerando a importância das duas, a reforma do local em que a entidade reside e onde são feitos os trabalhos, projetos e etc, e a cozinha para o preparo do almoço coletivo das pessoas que frequentam pra disponibilizar melhores condições para as pessoas da vivência e trabalhar o coletivo, é importante pensar que além das questões da seleção para recebimento do auxílio público, a verba ainda não atende algumas das necessidades exigidas por um projeto como esse.

A questão privada é uma que merece ser mencionada, mas que por diversos motivos não é algo que vá ter tanta força quanto a pública pelas questões dos interesses financeiros entre outros, obviamente existem exceções, mas é fácil perceber que o meio empresarial de investimentos e lucros não é o ideal para o teatro que estamos discutindo aqui, um exemplo que posso dar é de uma história que uma professora me contou sobre um projeto que quase foi financiado. Uma apresentação com temas shakespearianos tinha sido levantado por uma atriz, e na última reunião com seus financiadores onde aparentemente estava tudo certo, foi citado que o título da peça não era adequado o suficiente e criava uma imagem que a empresa não queria se relacionar, no fim a artista não quis adequar seu projeto para as métricas da empresa e o projeto não foi financiado, o que mostra o quão fraco é a relação desse tipo de criação artística com o setor privado, já que teatro não é e nunca vai ser a melhor área de investimento e ganho de lucro, por todas as questões possíveis. A questão da imagem também é importante, pois para eles é um dos pontos que mais precisa ser trabalhado, e como vimos apenas um título é o suficiente para quebrar um acordo quase concluído de financiamento de uma peça, então qualquer criação nessa linha pra frente já teria baixas chances de conseguir qualquer tipo de apoio de algum setor privado, e como sabemos a questão da arte de trabalhar com diálogos sobre a sociedade, padrões, tabus e outros pontos que não seriam de tanto interesse para as empresas e pro público que lhes interessam, já que arte não vem e não faz parte dessa classe, a discussão desses setores para as propostas que discutimos nesse artigo só não tem tanto potencial.

A falta da liberdade

“Outro aspecto dessa lógica governamentalizada da prática artística é a necessidade que se cria de explicá-la cientificamente e empresarialmente. Antes se escreviam manifestos, cadernos de reflexão, diários de encenação. Hoje se escrevem projetos exemplarmente planejados, teoricamente embasados, com planilhas, gráficos, orçamentos, planos de metas. Esse modo de operação passa a reger a atividade artística financiada tanto pelo Estado como pelas parcerias público-privadas. E isso naturalmente implica em um diferente tipo de produtividade artística, altamente discursiva, referenciada, intelectualizada, tecnicizada, em uma produção massiva e em uma atividade do espectador também referenciado, planejado, que deve dar conta de todas as produções e tendências. Cria-se o padrão de uma arte fortemente referenciada pela questão da produtividade, da expertise, do planejamento estatístico.”

Como dito por Suzana Viganó, doutora e pesquisadora na área das artes e que também trabalha com ações como as citadas anteriormente, há uma onda que leva o teatro para esse caminho mais “empresarial”, que o coloca nessas mesmas regras e legislações que outras áreas de trabalho tem como base, acho essa citação importante, pois mesmo sendo algo mais esperado do setor privado, ele está presente em todas as áreas, essa é uma questão onde esse atributos não são necessariamente negativos, porém da maneira que se instalam na área do teatro, sem uma leitura devida de como se adaptar, acaba sendo algo negativo. Isso se consolida as diversas normas e complicações que são gerenciadas em questões como a lei do fomento citada anteriormente, em escolas há o uso de apostilas e materiais padronizados para um certo tipo de didática que não se encaixa completamente bem com o teatro, com o uso de livros com páginas e páginas com explicações sobre a história da arte e sua importância, e em faculdades, como posso citar com experiência própria, com uma simplificação das matérias, principalmente se ligada a outros cursos, tentando misturar ensinamentos diferentes em um só por uma questão de economizar recursos que poderiam de outra maneira, serem melhor distribuídos entre a grade dessas aulas separadamente.

Um dos problemas principais aqui é a homogeneização do ensino da arte para se misturar com as outras de uma maneira mais controlada e regularizada, o que prejudica todas as matérias e didáticas existentes, qualquer tipo de esforço

para centralizar ensinamentos e formar um método só para todas essas atividades vai acabar desfavorecendo todas elas em troca, mais ainda as que por natureza já se afastam desse tipo de modelo, essa industrialização do aprendizado, com base em notas, méritos e regulamentações, o que sinceramente vai contra muito do que a arte é em si, e explica muito dos problemas que enfrentamos com essa matéria hoje em dia,

Tendo em mente que há benefícios para essas relações, e que muito dessas conexões podem ter algum tipo de valor, se atribuídas da forma certa e modeladas para que caibam no ensino das artes, é importante ressaltar que a solução não é a completa exclusão ou facilitação dessas regras, pois elas têm importância e são necessárias, mas uma releitura de como atribuir esses pontos nesse ensino é crucial.

Conclusão

Vivenciando uma ação cultural como a Paideia há alguns meses, percebi a importância desses projetos e a carência de algumas coisas nessa instituição, e após pesquisar sobre ficou ainda mais claro o problema que temos envolvendo investimento nessa área além das questões mais discutidas de escolas públicas e o ensino das artes de maneira geral no ensino regularizado, é importante discutir essas questões e procurar maneiras de aumentar o incentivo para essas áreas para que possam finalmente ter o seu espaço e aumentar as oportunidades de crescimento das pessoas dessa área e das ações em si.

Bibliografia

VIGANÓ, Suzana Schmidt. **Práticas Teatrais e Resistência: entre a desrazão e a governamentalidade**. Florianópolis: Urdimento, 2019. Disponível em:

<https://periodicos.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/15796/10886>

